



## **As vozes ausentes na construção do discurso midiático <sup>1</sup>**

Tatiana Galvão <sup>2</sup>  
Escola de Comunicação da UFRJ

### **Resumo**

A complexidade dos centros urbanos trouxe à tona uma dinâmica marcada pela polifonia e heterogeneidade que se de um lado abre a oportunidade de contato com outros mundos, também evidencia que a tensão gerada por esse encontro pode dar lugar à intolerância e à violência. Por meio da análise da cobertura jornalística do incidente ocorrido durante a apresentação do grupo Racionais MC's na madrugada do dia 6 de maio de 2007, na praça da Sé, durante o evento anual da Virada Cultural, pretende-se perceber algumas limitações, principalmente no que diz respeito à construção de um discurso analisador, permeado de significados e com uma tendência a apresentar o fato de forma monolítica, priorizando vozes e versões oficiais de forma a evidenciar a dificuldade em se conviver com a diferença e, mais ainda, a dificuldade em ouvir o que vem dessa diferença.

**Palavras-chave: Cultura Urbana; Hip Hop; Mídia; Cidadania**

### **A periferia a partir do Hip Hop**

Desde sua origem o hip hop teve um caráter político e o objetivo de promover a conscientização coletiva. No Brasil, o hip hop chega na década de 70 a reboque da cultura black. Mas, foi apenas ao longo dos anos 80 que ele ganhou fôlego nos salões que animavam a noite paulistana no circuito negro e popular dos bairros periféricos. Nesse momento, o hip hop no Brasil se resumia ao *break* e foi das equipes de dança que surgiram os primeiros rappers. Com a criação, em 1988, do Movimento Hip Hop Organizado (MH2O)<sup>3</sup>, por Milton Salles, produtor do grupo Racionais MC's até 1995, foi que começou uma nova fase para o hip hop no Brasil. O MH2O organizou e divulgou o hip hop no Brasil, definiu as posses como “organizações que reuniam grupos de praticantes das artes do movimento para difundir os ideais do hip hop e constituir resistência à violência policial” (ARAÚJO; COUTINHO, 2008, p. 219).

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado ao Intercom, na Divisão Temática Comunicação, Espaço e Cidadania, do XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste.

<sup>2</sup> Graduação em Jornalismo pela UFPE, em 2001; pós-graduação (*lato sensu*) em Jornalismo e Crítica Cultural pela UFPE, em 2006; mestre em Comunicação e Cultura pela Escola de Comunicação da UFRJ. E-mail: [tati.galvao@globo.com](mailto:tati.galvao@globo.com)

<sup>3</sup> Considerado a maior organização de hip hop do Brasil, o Movimento Hip Hop Organizado do Brasil - MH2O atua em 14 estados. Em 1998 foi criada a ONG MH2O que passou a atuar no campo institucional, tornando-se uma das maiores ONG's de juventude do Brasil, com cerca de 6000 membros. Atualmente o MH2O desenvolve projetos e programas em linhas como Cultura e Educação, Economia Social e Combate à violência.



O foco é a comunidade, seu cotidiano e suas dificuldades. A ineficiência do Estado levou a comunidade a buscar seus próprios representantes, aqueles que vivendo o dia a dia das ruas, vielas e guetos da periferia ganham legitimidade em seu discurso. Um discurso que segundo Paiva (2003), “pressupõe a prerrogativa da coexistência, do ser-com-os-outros” (PAIVA, 2003, p.56).

Assim, sua proposta irá permear produções artísticas, ecoando o descontentamento diante da exclusão econômica, educacional e racial a que muitos são submetidos, incluindo estigmas como marginalidade e violência. O instrumento mais utilizado para fazer essas denúncias tem sido o rap com composições onde predomina a realidade de carência da periferia. Ele deixa de ser apenas uma expressão artística, para se consolidar, principalmente, como forma de protesto e de afirmação de valores. É por meio de seus elementos estéticos o hip hop consegue agregar aqueles que se enxergam em suas denúncias e reivindicações. Assim, mesmo chegando ao mercado para ser consumido por outras classes sociais, é a periferia que predomina na sua temática.

É no âmbito da cultura que seus produtores buscam novos caminhos para interferir no cenário social. Por isso seu engajamento está tão presente em seus discursos e na arte que produzem, principalmente para aqueles que fazem parte de uma linha mais fundamentalista e politizada do hip hop. É o caso, por exemplo, dos Racionais MC's, liderado por Mano Brown, que há mais de 15 anos desenvolvem trabalhos dentro das comunidades. A linha do trabalho desenvolvido pelo grupo se baseia no discurso contra a submissão à miséria e a opressão à população marginalizada.

O estouro de sua carreira aconteceu em 1997, quando o grupo vendeu mais de 1 milhão cópias sem aparecer na mídia e com distribuição independente em bancas de jornais, bailes, clubes, quadras, shows e camelôs. Mano Brown é tido pelos hip hoppers como o mais radical dos rappers por sua postura de aversão a entrevista e na recusa em participar de programas televisivos que representem a grande mídia. Seu argumento se baseia no receio de como serão representados, na possível manipulação de sua imagem e distorção de suas palavras. É por isso que dão preferência, numa expressão de negociação de sua visibilidade, a programas ao vivo e em forma de entrevistas.

A elaboração desse tipo de estratégia evidencia não só uma capacidade de negociação em sua relação com a mídia, mas também os embates simbólicos que são travados pela periferia na sua luta por espaço, legitimidade e cidadania.



## **Cidade e exclusão como gênese**

Longe da idéia, defendida desde o início do século XX, do Brasil como uma sociedade integrada e sem conflitos raciais, a nova configuração política e social, trouxe à tona a complexidade dos centros urbanos, marcados pela polifonia, heterogeneidade, contrastes e embates de classe. Como Lefebvre (2003), em sua análise sobre o fenômeno urbano ressaltou: “the urban is defined as the place where differences become known to one another, and in acknowledging one another, are put to the test: validated or invalidated” (LEFEBVRE, 2003, p. 146)

Assim, já não faz mais sentido acreditar ou defender o velho mito de uma nação diversificada e democrática, onde classes sociais e raciais convivem integradas e pacificamente num mesmo espaço social. Na verdade, parte integrante da cidade, a periferia com seus moradores e tudo aquilo que faz parte de seu cotidiano foram encarados, durante muito tempo, como algo a ser escondido ou ignorado.

O espaço social, no Brasil, mais do que o geográfico, é claramente demarcado no Rio e em outras cidades brasileiras. As praias e os prazeres que proporcionam são considerados patrimônios da classe média da Zona Sul e dos turistas (YUDICE, 1997, p.38).

Mas essa realidade, bem como o consenso criado em torno de uma falsa harmonia racial e social que permeou por muito tempo o imaginário coletivo, vêm sendo colocados em xeque por manifestações culturais como o hip hop, exemplificada por declarações como a de Mano Brown: Não tem como unir um lado que só está usufruindo com um que está sempre sendo usado. Não tem confiança mútua. Os negros não confiam nos brancos e vice-versa, tá ligado? <sup>4</sup>

O fato é que o acesso à cidade, na prática, nunca foi garantido a todos os seus habitantes. Para alguns dos grupos juvenis, a cidade se tornou um espaço do qual foram expulsos, um ambiente do qual não se sentem parte porque não estão em posição de igualdade com os demais. Por isso o que se observa é a tendência de confinamento dos moradores da periferia dentro dos limites de seus próprios bairros, onde constroem sua própria realidade e patrimônio enquanto o Estado trabalha em prol daqueles que possuem sua cidadania reconhecida. Assim, se o Estado se omite e a sociedade não lhes integra, como falar em cidadania num contexto de exclusão social? Com relação a essa situação em que se encontram muitos jovens, Kuasñosky e Szulik (1996) chamam a

---

<sup>4</sup> Tá na moda, agora todo mundo quer ser negro. **EstAção Hip Hop**. Ano 5, n° 29, p.7.



atenção para a necessidade de pensar essa exclusão como “morte social”, uma morte que se dá como resultado de determinados condicionamentos sociais como pobreza extrema, desocupação, desproteção, eliminação dos direitos de cidadania e exposição à violência.

Denunciar esse tipo de situação com a cumplicidade do Estado tem sido um dos principais objetivos do hip hop. Para isso, ele tem feito uso do conhecimento de sua própria realidade para promover seus próprios fins. Ao buscar a ampliação das áreas de movimentação e circulação dentro dessa cidade, esses jovens buscam também o reconhecimento como legítimos moradores dela (DIOGENES, 1998).

Embora seja encarado como perigoso por sua postura radical o hip hop busca, especificamente, atuar e interferir no cenário social sem estar atrelado à arena política tradicional. É um outro modo cultural de fazer política e de se construir cidadania. Nesse aspecto, Canclini (2005) propõe repensar o exercício da cidadania em conexão com o consumo:

Ser cidadão não tem a ver apenas com os direitos reconhecidos pelos aparelhos estatais para os que nasceram em um território, mas também com as práticas sociais e culturais que dão sentido de pertencimento, e fazem que se sintam diferentes os que possuem uma mesma língua, formas semelhantes de organização e de satisfação das necessidades (CANCLINI, 2005; p.35).

Ser cidadão já não pode ser visto apenas a partir dos direitos à igualdade, mas também aos direitos à diferença. E nesse caso, de acordo com Canclini, quando o cidadão adquire bens materiais ou simbólicos ele expõe para toda a sociedade o que tem valor para ele, numa definição pública de sua identidade do grupo a que pertence ou que deseja pertencer. No caso dos jovens moradores da periferia, eles ultrapassam os limites do bairro a que pertencem para legitimar-se dentro de uma estética global juvenil, onde oficializam sua existência. Para eles o consumo pode significar uma forma de protesto e expressão de certos direitos elementares capazes de possibilitar uma vida mais digna.

Embora essas questões, de alguma maneira, tenham sido levantadas ao longo dos anos, o fato é que atualmente elas têm recebido tratamento e projeção maiores com a visibilidade conquistada pelo hip hop. O hip hop, uma das expressões culturais mais bem-sucedidas, além de girar em torno de música e de estilo próprios reconhecidos mundialmente, constrói articulações locais que dizem respeito à realidade que o contextualiza e que tem sido a força motriz de suas propostas e de seus projetos.



Talvez um dos diferenciais entre o hip hop e outras formas de manifestações que o antecederam diga respeito à radicalização de seu discurso no que diz respeito à questão racial, usada para explicar as contradições sociais. Não apenas expõem a situação de exclusão social a que são constantemente submetidos, mas também vão de encontro ao discurso hegemônico, construído e reforçado pelos meios de comunicação, que se tornou um consenso, a saber: o de uma nação onde predomina uma harmonia racial. Um consenso que na verdade serviu para beneficiar uma elite que sempre esteve no poder e pôde não só encobrir as desigualdades, mas também impediu que as classes subalternas, especificamente as negras, tomassem consciência de sua situação. Em entrevista à revista Caros Amigos, MV Bill falou a respeito da ilusão de uma democracia racial:

O racismo no Brasil é cruel, porque a escravização aqui não foi só física, foi mental, o povo foi amansado, o povo é manso, cara! Parece que não tem força pra lutar, criou-se uma apatia, os pretos, muitos deles parece até que têm grilhões nos pés e nas mãos, não conseguem se libertar.<sup>5</sup>

Assim, o hip hop se propõe a fazer esse trabalho de despertar as pessoas da inércia em que se encontram. Longe da veia cordial, ele convoca seu público à tomada de consciência como forma de reverter a situação. Conforme Maria Rita Kehl ressalta:

Eles apelam para a consciência de cada um, para mudanças de atitude que só podem partir de escolhas individuais; mas a auto-valorização e a dignidade de cada negro, de cada ouvinte do Rap, depende da produção de um discurso onde o lugar do negro seja diferente do que a tradição brasileira indica.

De forma contundente e mesmo agressiva o hip hop é conhecido por expor a ficção de um consenso criado por aparelhos ideológicos que tiveram como objetivo não só escamotear uma realidade de conflito racial, mas também beneficiar uma elite. Por meio da forma de atuação do hip hop é possível perceber um novo retrato da sociedade brasileira, bem diferente daquele construído em cima de uma imagem bem-humorada e harmônica de convivência social e racial. Agora fica evidente uma pluralidade marcada por acentuadas fraturas sociais. É a consciência dessa realidade e da impossibilidade de um acordo entre privilegiados e excluídos que leva os envolvidos com o hip hop a investirem não mais numa reconciliação de diferenças, mas exatamente no reforço delas.

---

<sup>5</sup> BILL, MV. O hip hop é um instrumento de transformação. **Revista Caros Amigos**, São Paulo, p. 30-35, jun 2005



### **Relevância da mídia hoje**

As mediações sociais são, em grande medida, responsáveis pela constituição do tecido social. Entretanto, ao longo do tempo as mediações tradicionais, como família, escola, trabalho e religião foram sofrendo modificações que as enfraqueceram e produziram um contexto com novas estruturas responsáveis pelas mediações sociais. Atualmente, é impossível escapar à presença da mídia, da dimensão que ela possui dentro da experiência contemporânea. Ela não só se tornou um dos principais cenários de debate na atualidade, dando visibilidade aos diversos grupos sociais, mas, com a crise do Estado tem sido ela a responsável por administrar zonas de conflitos. É no âmbito midiático que discursos, de naturezas diversas, articulam-se, são recodificados pelo próprio discurso midiático e produzem novos sentidos. Entretanto, ao exercer esse papel, muitas vezes, ela deixa de promover a integração sociocultural desses grupos e contribui para reforçar e legitimar um quadro de exclusão e estigmatização ao esvaziar as diversas manifestações de seus conteúdos e significados.

Nesse caso, é interessante perceber como o discurso da mídia a respeito da violência tem sido estruturado. Se é possível enxergar a violência como uma linguagem que tem sido usada por grupos sociais para dar projeção a suas causas, a mídia acaba por promover uma ressonância ainda maior a essas manifestações não só por meio das representações sociais que elabora e difunde, mas por produzir significados que ordenam as práticas sociais à medida que convoca e direciona os sujeitos à alguma ação social. O modo como o campo midiático se apropria do real faz com que ele seja reelaborado e, quando reportado à sociedade, ele passe a ser apropriado também pelos sujeitos que se posicionam diante do que lhes é exposto. Mais do que isso. Conforme Rondelli ressalta:

Mais do que uma atitude soberana e impositiva de uma certa visão de mundo, os meios – mediadores – negociam com estas diversas instâncias sociais e discursivas, de modo a produzir consensos. E é daí que decorre sua força hegemônica (RONDELLI, 2000; p.153).

Entretanto, se durante muito tempo o consenso que vigorou era baseado em discursos integracionistas de harmonia social e democracia racial, novas práticas espaciais como os arrastões no Rio, na década de 90, bem como o incidente ocorrido



durante a apresentação dos Racionais, em São Paulo, no ano de 2007, rompem com esses discursos e o universo simbólico que eles alimentam e evidenciam a exclusão de determinados grupos dos discursos hegemônicos. Nesse momento, dar conta desse novo quadro, dessa nova espécie de transgressão, tornou-se o grande desafio para a imprensa. Porém, o que se observa no tratamento que a mídia deu, tanto no caso dos arrastões no Rio, como do incidente ocorrido em São Paulo é um discurso que substitui uma análise apurada das causas por reportagens e matérias com uma característica espetacular que acabam por amplificar esses conflitos.

Ao retomarem a obra seminal de Stanley Cohen, *Folk devils and moral panics*, João Freire Filho e Micael Herschmann ressaltam a relevância do modelo analítico de “pânico moral” para compreender o tratamento midiático dado a expressões culturais como o funk e o hip hop (FREIRE FILHO e HERSCHMANN, 2005). No entendimento de Cohen, ao difundirem e legitimarem rótulos, os meios de comunicação de massa acabam contribuindo para a criação de um clima de “histeria” que abre espaço para a reação exagerada de um público que projetará seus medos e fantasias sobre um “bode espiatório” e também reforça a polarização social, sem no entanto, compreender que o tipo de atividade exercida pelas culturas juvenis seria apenas um dos aspectos da situação (apud Freire Filho e Herschmann, 2005).

Assim, a análise de algumas das matérias relacionadas ao fato ocorrido durante a apresentação dos Racionais é uma boa oportunidade de perceber como isso se dá. Os títulos são um começo significativo: “Madrugada da Virada Cultural termina em quebra-quebra; 11 são detidos”, “Relato da Virada: Vi um homem erguer uma arma e atirar”, “Virada Cultural se transforma em campo de batalha no centro de SP”, “Show dos Racionais termina em quebra-quebra e confronto entre platéia e polícia” e “Centro vira palco de guerra em show de rap da Virada Cultural”.<sup>6</sup>

São manchetes e *leads* sugestivos que interpretam e apresentam o acontecimento à opinião pública a partir de um ângulo da enunciação jornalística que incrementa a

<sup>6</sup> Respectivamente e acessados em 1 de dez de 2007:

Madrugada da Virada Cultural termina em quebra-quebra; 11 são detidos. **Folha online**. São Paulo, 6 maio 2007. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u135039.shtml> ;

MUNIZ, Diógenes. Relato da Virada: "Vi um homem erguer uma arma e atirar". **Folha online**. São Paulo, 6 maio 2007. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u135041.shtml> ;

MUNIZ, Diógenes. Virada Cultural se transforma em campo de batalha no centro de SP. **Folha online**. São Paulo, 6 maio 2007. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u135031.shtml> ;

Show dos Racionais termina em quebra-quebra e confronto entre platéia e polícia. **Globo.com**. São Paulo, 6 maio 2007. Disponível em <http://g1.globo.com/Noticias/SaoPaulo/0,,MUL32020-5605,00.html> ;

RUSSO, Guilherme. Centro vira palco de guerra em show de rap da Virada Cultural. **Globo online**. São Paulo, 6 maio 2007. Disponível em <http://oglobo.globo.com/sp/mat/2007/05/06/295644058.asp>





sensação de pânico, conduzindo o leitor a uma linha de raciocínio. Principalmente se levarmos em conta que essas matérias são acompanhadas por formas não-verbais como fotos mostrando imagens de policiais atirando, pessoas correndo, vidros estilhaçados, orelhões quebrados, cenas que justifiquem expressões que remetam à idéia de “guerra” ou “batalha”. Conforme Herschmann (2005) ressalta:

A mídia problematiza até certo nível e mesmo aponta as “causas” de fenômenos sociais dessa natureza; mas o que fica, em geral, para a população é a espetacularização, o “encantamento” de práticas e discursos, produzindo um clima de pânico e histeria (HERSCHMANN, 2005, p.104).

Relacionado ao conteúdo das matérias, são significativas construções discursivas como: “em menos de 20 minutos, acabou a paz das 15 mil pessoas que participavam da Virada no centro antigo da cidade”,<sup>7</sup> especialmente se a base de argumentação consiste em dizer que a “confusão” partiu da platéia. E, nesse caso, quem era essa platéia senão os fãs, “o público presente para acompanhar o show dos Racionais”.<sup>8</sup> Dentro desse discurso, predomina um único tipo de voz, de pessoas diferentes, mas afinadas nas mesmas opiniões e nos mesmos interesses:

Em nota, divulgada à tarde, a secretaria de Segurança Pública, responsabilizou parte do público pelo confronto. Mas, no início da manhã, a PM chegou a afirmar que o rapper Mano Brown teria incitado o público, ao gritar ao microfone que ‘tem que falar mal de polícia’.<sup>9</sup>

Em outra matéria, a voz que aparece é a de um Tenente da PM: “É só ver o histórico do Racionais. Acaba sempre assim. Mas nós já estávamos preparados para isso acontecer”. Mesmo quando é para dar outras versões, a voz que surge é a de um Senador, Eduardo Suplicy, que estava no local: “a atitude da PM foi exagerada. Os PM’s estavam mais nervosos que o público e usaram mais força do que necessário”.<sup>10</sup>

Uma das matérias veiculadas falava que “o tumulto que marcou o show do grupo abriu discussões sobre a responsabilidade do rap e do grupo Racionais em torno de atos

<sup>7</sup> RUSSO, Guilherme. Centro vira palco de guerra em show de rap da Virada Cultural. **Globo online**. São Paulo, 6 maio 2007. Disponível em <http://oglobo.globo.com/sp/mat/2007/05/06/295644058.asp>

<sup>8</sup> Tumulto na Virada Cultural termina com carro queimado e 11 presos. **Último Segundo**. Disponível em [http://ultimosegundo.ig.com.br/cultura/2007/05/06/tumulto\\_marca\\_manha\\_na\\_virada\\_cultural\\_776371.html](http://ultimosegundo.ig.com.br/cultura/2007/05/06/tumulto_marca_manha_na_virada_cultural_776371.html)

<sup>9</sup> RUSSO, Guilherme. Centro vira palco de guerra em show de rap da Virada Cultural. **Globo online**. São Paulo, 6 maio 2007. Disponível em <http://oglobo.globo.com/sp/mat/2007/05/06/295644058.asp>

<sup>10</sup> MUNIZ, Diógenes. Virada Cultural se transforma em campo de batalha no centro de SP. **Folha online**. São Paulo, 6 maio 2007. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u135031.shtml>. Acessado em 1 dez 2007.





de violência”.<sup>11</sup> Entretanto, além da mesma e antiga associação do rap e dos rappers com a violência, convém perguntar quem, de fato, participa dessas discussões, uma vez que no tipo de discurso sobre o ocorrido na praça da Sé observam-se as vozes dos órgãos oficiais e pessoas legitimadas por eles, mas se percebe a ausência das outras vozes envolvidas, como a do próprio público e a do grupo que se apresentava no palco. O fato ganha uma versão monolítica.

Poucas matérias não foram propriamente criminalizadoras, trazendo à atenção aspectos como a falta de organização que levou ao atraso do show, observando que “garrafas de vidro rolavam à vontade entre o público como acontece em outros eventos do mesmo porte, como a parada gay”<sup>12</sup> e ressaltando que, diferente do que foi publicado em larga escala:

Quando a Força Tática chegou (noticiado como sendo a tropa de choque pela maioria dos veículos), poucas pessoas se encontravam na região da Praça da Sé. Havia somente alguns jornalistas e populares. Apesar da relativa calma, a Força Tática adentrou a Praça da Sé de armas em punho e já atirando balas de borracha e bombas de gás lacrimogêneo. Foram em direção ao público, que já se encontrava descendo a Rua 15 de Novembro.<sup>13</sup>

Assim, ao analisar o que foi veiculado pela mídia, deve-se ter condição de perceber as associações, interesses e inclinações do que foi dito, compreendendo a combinação dos diversos fatores que levaram ao resultado final. O confronto existiu. Mas ao ler as matérias, “ouvir” as vozes oficiais que ali estão, a impressão que fica é que sob a incitação de Mano Brown, o público, em sua grande maioria vinda das periferias, estragou a festa e a paz que predominava na cidade. Entretanto, o tumulto não foi causado exatamente pelo show dos Racionais. Pode-se não ter afinidade com a proposta do grupo ou com sua produção musical, mas é importante o empenho em possibilitar o mesmo tratamento de outros grupos legitimados pela mídia e principalmente em abrir espaços para essas culturas minoritárias falem por si.

Embora não se pretenda afirmar que não usem a violência, é importante, conforme Herschmann (2005) ressalta: repensar de que formas suas falas e atitudes se

<sup>11</sup> Prefeitura retoma shows de rap com MV Bill no Anhangabaú. **Folha online**. São Paulo, 10 maio 2007. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u319068.shtml>. Acessado em 1 dez 2007.

<sup>12</sup> MUNIZ, Diógenes. Relato da Virada: "Vi um homem erguer uma arma e atirar". **Folha online**. São Paulo, 6 maio 2007. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u135041.shtml>. Acessado em 1 dez 2007.

<sup>13</sup> BRAGION, Eric Renan; GONZALEZ, Diana. Virada Cultural. Retrato de uma sociedade dividida. **Observatório da Imprensa**. 18 maio 2007. Ano 12 – Nº 433. Disponível em <http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos.asp?cod=433FDS006>. Acessado em 1º de dezembro de 2007.



diferenciam daquelas produzidas por outros jovens mais “integrados na estrutura social”, ao ponto da opinião pública inseri-los na galeria dos principais “inimigos públicos” da Cidade – tornando-os sinônimo da “delinquência juvenil”.

Nesse aspecto, é interessante levar em consideração que dentro do ambiente de produção jornalística o relato do “real” está sob influência de diversos fatores envolvendo interesses, linha editorial do veículo e tendências subjetivas. Logo, os acontecimentos dentro da mídia estão sujeitos a múltiplas possibilidades de construção discursiva e, conseqüentemente, de diferentes significados que podem reforçar ou legitimar um cenário de exclusão social. De acordo com Bakhtin (2004):

o tema da enunciação é determinado não só pelas formas lingüísticas que entram na composição (as palavras, as formas morfológicas ou sintáticas, os sons, as entoações), mas igualmente pelos elementos não verbais da situação. Se perdermos de vista os elementos da situação estaremos tão pouco aptos a compreender a enunciação como se perdêssemos suas palavras mais importantes”(BAKHTIN, 2004; p.128).

Assim, embora não tenha sido abrangido aqui tudo o que foi veiculado sobre o incidente envolvendo o show dos Racionais na Virada Cultural, é importante observar como o discurso jornalístico é responsável pela construção de diferentes significados, baseados em critérios, opções e principalmente na disposição ou não de construir diálogos com a sociedade. Nesse caso, não seria apenas mostrar o outro. A diferença parece estar especificamente na maneira como isso pode se feito, respeitando e contextualizando sua atuação a partir de suas especificidades.

É interessante recorrer à análise que Bakhtin (2004) fez a respeito do discurso de outrem, observando a importância de levar em conta as diferenças existentes na dinâmica tensa e complexa envolvendo a apreensão da enunciação de outrem e sua transmissão no interior de um contexto narrativo. Aquele que apreende essa enunciação o faz a partir de sua própria percepção e de seu discurso interior e também leva em conta a pessoa para quem irá transmitir essas enunciações. Para os autores, essa orientação reforça a influência das forças sociais sobre o modo de apreensão do discurso. Por isso, alguns fatores devem ser levados em consideração, como as possíveis tendências da apreensão do discurso citado, o fim que o contexto narrativo procura alcançar bem como a posição que esse discurso ocupa na hierarquia social de valores.



Ao considerar a própria natureza do discurso indireto como analisador de conteúdo percebe-se que a voz do outro perde naturalmente sua força. Conforme Bakhtin (2004) trouxe à atenção:

As palavras e expressões de outrem integrados no discurso indireto e percebidos na sua especificidade (particularmente quando são postos entre aspas), sofrem um “estranhamento”, para usar a linguagem dos formalistas, um estranhamento que se dá justamente na direção que convém às necessidades do autor: elas adquirem relevo, sua “coloração” se destaca mais claramente, mas ao mesmo tempo elas se acomodam aos matizes da atitude do autor – sua ironia, humor, etc (BAKHTIN, 2004; p.163).

Assim, se o contato com o outro se dá muitas vezes pela experiência midiática, é importante perceber a existência de aspectos específicos na produção da enunciação jornalística, entre eles os subjetivos e editoriais que irão influenciar a maneira como a interpretação do “real” será feita. O exemplo trabalhado aqui procurou mostrar isso e indicar que ainda é necessário aprender a ouvir outras vozes que não sejam as oficialmente aceitas e que o mesmo empenho em garantir acesso ao espaço público seja também realizado no sentido de dar espaço midiático.

O incidente durante a apresentação dos Racionais foi capaz de evidenciar não só as limitações do poder público, mas também as limitações da imprensa ao fazer cobertura desse tipo de evento. Limitações essas que se traduzem em seus discursos analisadores, marcados por qualificativos e perpassados por dogmatismo autoritário e preconceituoso.

### **Referências bibliográficas**

ARAÚJO, Marianna; COUTINHO, Eduardo Granja. Hip hop: uma batida contra-hegemônica na periferia da sociedade global. In: BORELLI, Silvia H. S.; FREIRE FILHO, João (orgs). **Culturas juvenis no século XXI**. São Paulo: EDUC, 2008, p. 211-227.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Editora Hucitec, 2004.

CANCLINI, Nestor Garcia. **Consumidores e Cidadãos**. 5. ed. Rio de Janeiro: EdUFRJ, 2005.

DIÓGENES, Glória. **Cartografias da cultura da violência: gangues, galeras e o movimento hip-hop**. São Paulo: Annablume, Fortaleza: Secretaria da Cultura e Desporto, 1998.



FREIRE FILHO, João; HERSCHMANN, Micael. Mídia, “pânico moral” e o funk carioca. In: **Comunicação, Cultura e Consumo**. Rio de Janeiro: E-papers, 2005, p.241 – 254.

HERSCHMANN, Micael. **Abalando os anos 90: funk e hip-hop – globalização, violência e estilo cultural**. 2 ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2005.

KEHL, Maria Rita. **As Fratrias Órfãs**. disponível em <http://www.geocities.com/HotSprings/Villa/3170/Kehl5.htm> acessado em 19 de out de 2008.

KUASÑOSKY, Silvia; SZULIK, Dália. Desde los márgenes de la juventud. In: ARIOVICH, Laura; MARGULIS, Mario (orgs); **La juventud es más que una palabra**. Buenos Aires: Biblos, 1996, p. 47-67.

LEFEBVRE, Henri. IN: STUART ELDEN. Elizabeth Lebas; KOFMAN, Eleonore (eds) , **Henri Lefebvre Key Writings**. New York, London: Continuum, 2003.

PAIVA, Raquel; **O Espírito Comum: comunidade, mídia e globalização**. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

RONDELLI, Elizabeth. Imagens da violência e práticas discursivas. In: PEREIRA, Carlos Alberto Messeder et al (orgs). **Linguagens da violência**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000, p. 144-162.

YÚDICE, George. A Funkificação do Rio. In: HERSCHMANN, Micael. (org) **Abalando os anos 90 – funk e hip hop**. Globalização, violência e estilo cultural. Rio de Janeiro: Rocco, 1997, p.24-49.

## **Hemerografia**

BILL, MV. O hip hop é um instrumento de transformação. **Revista Caros Amigos**, São Paulo, p. 30-35, jun 2005.

Ta na moda, agora todo mundo quer ser negro. **EstAção Hip Hop**. Ano 5, nº 29, p.7.

## **Sites consultados**

Tumulto na Virada Cultural termina com carro queimado e 11 presos. **Ultimo Segundo**. Disponível em [http://ultimosegundo.ig.com.br/cultura/2007/05/06/tumulto\\_marca\\_manha\\_na\\_virada\\_cultural\\_776371.html](http://ultimosegundo.ig.com.br/cultura/2007/05/06/tumulto_marca_manha_na_virada_cultural_776371.html)

Madrugada da Virada Cultural termina em quebra-quebra; 11 são detidos. **Folha online**. São Paulo, 6 maio 2007. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u135039.shtml> ;



MUNIZ, Diógenes. Relato da Virada: "Vi um homem erguer uma arma e atirar". **Folha online**. São Paulo, 6 maio 2007. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u135041.shtml> ;

Grupo que assistia a show de Racionais começou tumulto, diz secretaria. **Folha online**. São Paulo, 6 maio 2007. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u135044.shtml>

Prefeitura retoma shows de rap com MV Bill no Anhangabaú. **Folha online**. São Paulo, 10 maio 2007. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u319068.shtml>

Virada Cultural termina com saldo de 3,5 mi de pessoas; tumulto deixou feridos. **Folha online**. São Paulo, 6 maio 2007. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u135048.shtml>

Show dos Racionais termina em quebra-quebra e confronto entre platéia e polícia. **Globo.com**. São Paulo, 6 maio 2007. Disponível em <http://g1.globo.com/Noticias/SaoPaulo/0,,MUL32020-5605,00.html>

Polícia e público se confrontam em show dos Racionais. **Globo.com**. São Paulo, 6 maio 2007. Disponível em <http://g1.globo.com/Noticias/Brasil/0,,AA1532917-5598,00.html>

Show de Racionais MC's na Sé termina em quebra-quebra; 11 são detidos. **Globo.com**. São Paulo, 6 maio 2007. Disponível em <http://g1.globo.com/Noticias/SaoPaulo/0,,MUL32048-5605,00.html>.

RUSSO, Guilherme. Centro vira palco de guerra em show de rap da Virada Cultural. **Globo online**. São Paulo, 6 maio 2007. Disponível em <http://oglobo.globo.com/sp/mat/2007/05/06/295644058.asp>

Racionais podem ser multados por atraso no show da Virada Cultural. **Globo.com**. São Paulo, 10 maio 2007. Disponível em <http://g1.globo.com/Noticias/SaoPaulo/0,,MUL34693-5605,00.html>.

BRAGION, Eric Renan; GONZALEZ, Diana. Virada Cultural. Retrato de uma sociedade dividida. **Observatório da Imprensa**. 18 maio 2007. Ano 12 – Nº 433. Disponível em <http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos.asp?cod=433FDS006>

Cidades do interior terão primeira edição do evento Virada Cultural. **Governo do Estado de São Paulo**. 10 abr 2007. Disponível em <http://www.saopaulo.sp.gov.br/sis/lenoticia.php?id=83562&siteID=1>

Virada à paulista. **Prefeitura de São Paulo**. 12 abr 2007. Disponível em <http://www6.prefeitura.sp.gov.br/noticias/sec/cultura/2007/04/0012>